18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

# A COR NO PROJETO PAISAGÍSTICO

## Possibilidades de composições vegetais de acordo com a Teoria da Cor

**ST1 – Paisagens e naturezas**

*COLOR IN LANDSCAPE DESIGN*

*Possibilities for plant compositions according to Color Theory*

BALLESTE, Samantha
Doutoranda | Universidade Federal de Pelotas | Pelotas, RS, Br | samantha.balleste@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8366-2928

DENONI, Monique
Doutoranda | Universidade Federal de Pelotas | Pelotas, RS, Br | denonimonique@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0006-3202-8050

OLIVEIRA, Brunna
Mestranda| Universidade Federal de Pelotas | Pelotas, RS, Br | brunnappo26@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4221-5953

NAOUMOVA, Natalia
Doutora em Planejamento Urbano e Regional | Universidade Federal de Pelotas | Pelotas, RS, Br | naoumova@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8180-5454

**RESUMO**

A cor desempenha papel fundamental na configuração da paisagem, atuando não apenas como elemento estético, mas como componente estruturador da experiência espacial. No entanto, observa-se uma lacuna na sistematização de sua aplicação no projeto paisagístico, especialmente no que se refere à articulação entre teoria da cor e prática projetual. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as relações cromáticas na paisagem, a partir da sistematização de esquemas de combinação de cores aplicados a composições vegetais e da análise de um caso de referência no paisagismo contemporâneo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica e análise visual interpretativa. Foram elaboradas composições vegetais hipotéticas, analisadas comparativamente quanto aos seus efeitos perceptivos, e realizado um estudo de caso no Lurie Garden, em Chicago, no qual a cor atua como elemento estruturante do projeto. Os resultados evidenciam que diferentes esquemas cromáticos produzem efeitos distintos na organização espacial, na hierarquia visual e na construção de ambiências, e que a aplicação consciente da cor contribui para a coerência e legibilidade da paisagem. Conclui-se que a cor constitui uma ferramenta projetual estratégica, capaz de articular dimensões perceptivas, espaciais e temporais no paisagismo.

**Palavras-chave**: paisagismo; teoria da cor; composição cromática; percepção ambiental; projeto paisagístico.

***ABSTRACT***

*Color plays a fundamental role in shaping the landscape, acting not only as an aesthetic element but also as a structuring component of spatial experience. However, there is a gap in the systematization of its application in landscape design, particularly regarding the articulation between color theory and design practice. In this context, this study aims to analyze chromatic relationships in the landscape through the systematization of color schemes applied to plant compositions and the analysis of a reference case in contemporary landscape design. The research adopts a qualitative and exploratory approach, based on literature review and interpretative visual analysis. Hypothetical plant compositions were developed and comparatively analyzed in terms of their perceptual effects, alongside a case study of the Lurie Garden, Chicago, where color functions as a structuring design element. The results indicate that different color schemes produce distinct effects on spatial organization, visual hierarchy, and the construction of atmospheres. It is concluded that color constitutes a strategic design tool, capable of articulating perceptual, spatial, and temporal dimensions in landscape architecture.*

**Keywords:** *landscape design; color theory; chromatic composition; environmental perception; spatial experience.*

## 1 INTRODUÇÃO

Há muitos aspectos perceptivos a se considerar em um projeto de paisagismo, e a colorimetria é um deles. No âmbito do paisagismo, a cor desempenha papel fundamental na forma como os espaços são percebidos e experienciados, e a sua aplicação ultrapassa a dimensão meramente estética, contribuindo significativamente para a qualificação da paisagem em termos de atratividade, agradabilidade, legibilidade visual, identidade e humanização dos ambientes, atuando tanto no sentido físico quanto no simbólico (Bell, 2012).

A literatura aponta que a composição cromática da paisagem, quando orientada por critérios projetuais consistentes, pode estruturar a leitura espacial, direcionar a atenção do observador e estabelecer hierarquias visuais, por meio da definição de pontos focais e relações de dominância (Bell, 2012). Nesse sentido, a cor constitui um instrumento ativo na organização da paisagem, sendo capaz de induzir percursos, enfatizar elementos e reforçar a coerência do conjunto. Em contrapartida, o uso não planejado das cores pode resultar em composições visualmente desarticuladas, comprometendo a qualidade estética e a inteligibilidade do espaço, o que reforça a necessidade de domínio teórico e metodológico sobre o tema.

Na paisagem, a cor se manifesta por meio de diversos elementos, incluindo componentes vegetais, como flores, folhagens, cascas e frutos das plantas, e materiais naturais e artificiais, como rochas, pavimentos, madeiras, mobiliários e elementos decorativos. De modo geral, as folhagens, predominantemente de tons de verde, constituem o plano cromático de fundo, sobre o qual se destacam as demais cores, normalmente mais saturadas e contrastantes, das flores e outros elementos (Robinson, 2004; Abbud, 2006; Oudolf; Kingsbury, 2013). Soma-se a isso as variações sazonais, que introduzem dinâmica às composições, alterando significativamente as cores e as relações cromáticas ao longo do tempo.

Diante dessa complexidade, a teoria das cores se apresenta como um importante suporte conceitual para a organização e a aplicação das cores no projeto paisagístico. A partir de instrumentos como o círculo cromático e dos esquemas de combinação de cores, torna-se possível estruturar composições mais equilibradas e coerentes, fundamentadas em relações de contraste, analogia, entre outros. Contudo, observa-se que, na prática projetual, ainda há dificuldades na transposição desses princípios teóricos para o campo do paisagismo, indicando uma lacuna na sistematização e aplicação desse conhecimento.

Essa lacuna evidencia a necessidade de aprofundar a compreensão sobre o papel da cor como ferramenta projetual no paisagismo, considerando suas dimensões perceptivas e materiais. Nesse contexto, esse estudo tem como objetivo analisar as relações cromáticas na paisagem, a partir de dois eixos complementares: (i) a sistematização de esquemas de combinação de cores aplicados a composições vegetais, e (ii) a análise de um caso de referência no paisagismo contemporâneo, no qual a cor atua na estruturação da composição paisagística. A partir dessas análises, busca-se identificar padrões, estratégias e efeitos perceptivos associados ao uso da cor, visando sistematizar princípios de aplicação da cor no projeto paisagístico.

## 2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, com abordagem analítico-interpretativa aplicada ao campo do paisagismo. Do ponto de vista dos

procedimentos, fundamenta-se na revisão bibliográfica e análise visual sistematizada (Gil, 2008). A revisão bibliográfica possibilitou a construção do embasamento teórico sobre teoria da cor, percepção ambiental e composição paisagística, servindo de base para a definição das categorias analíticas que orientam o estudo.

Considerando que a cor atua diretamente na mediação da experiência espacial, a análise incorpora princípios da percepção ambiental, buscando compreender os efeitos perceptivos das diferentes combinações cromáticas na paisagem. A análise das composições cromáticas foi conduzida por meio de leitura visual interpretativa, compreendida como procedimento de análise qualitativa de imagens e configurações espaciais (Rose, 2016). Essa abordagem permite investigar como elementos visuais, neste caso, as relações cromáticas, produzem significados e efeitos perceptivos no espaço. Como estratégia analítica, foram adotados princípios da análise de conteúdo, conforme propostos por Bardin (2011), organizando a interpretação a partir de categorias previamente definidas: (i) tipo de esquema cromático, (ii) atributos da cor (matiz, valor e saturação), (iii) efeitos perceptivos (contraste, unidade, dinamismo, profundidade) e (iv) implicações espaciais e projetuais.

A partir dessa estrutura, foram elaboradas composições vegetais hipotéticas, representadas por meio de paletas cromáticas e exemplos visuais, que simulam possíveis arranjos projetuais. Essas composições foram analisadas comparativamente, buscando identificar padrões de comportamento perceptivo associados a cada esquema cromático. Adicionalmente, foi realizado um estudo de caso no *Lurie Garden*, localizado no *Millennium Park*, em Chicago, projeto em que a cor atua como elemento estruturante da composição paisagística. A análise permitiu observar, em um contexto real, a aplicação dos princípios teóricos discutidos.

## 3 OS ATRIBUTOS DA COR

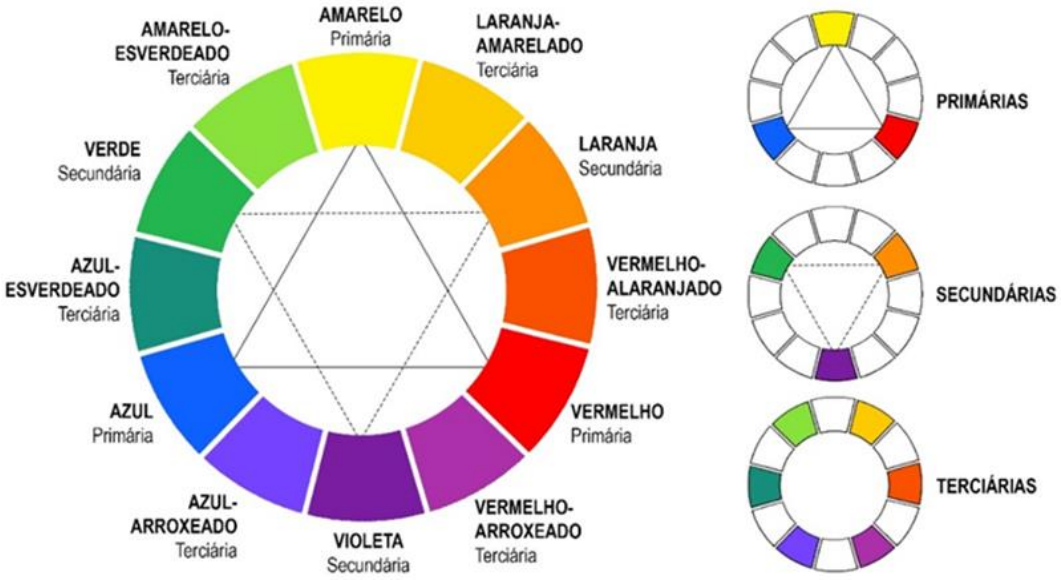
A cor pode ser analisada por meio de seus atributos fundamentais, que permitem descrevê-la, compará-la e aplicá-la de forma mais sistemática. A teoria das cores reconhece três atributos principais da cor, nomeados como: matiz (ou tonalidade), valor (ou claridade) e saturação (ou croma) (Birren, 1969; Pedrosa, 2022).

O matiz refere-se à qualidade que permite identificar e nomear uma cor, distinguindo-a das demais no espectro cromático. São as cores em seu maior grau de pureza, definidos pelo comprimento da onda eletromagnética que designa as três cores primárias. Sendo elas o vermelho, o verde e o azul (índigo) para cor-luz, e o vermelho, amarelo e azul para cor-pigmento. A partir das três cores-luz primárias consegue-se qualquer outra cor. Assim, a mistura das cores primárias em diversas proporções gera todas as outras cores do espectro visível. Quando duas cores primárias são misturadas, elas geram o que denominamos de cores secundárias, que são também chamadas de cores complementares. Em cor-luz, a mistura de vermelho e verde resulta em amarelo, de azul e vermelho resulta em magenta, e de verde e azul tem como resultado o ciano. Quando se mistura todas as cores-luz, obtém-se o branco. Já em cor-pigmento, a mistura do vermelho e amarelo resulta em laranja, do amarelo e azul resulta em verde, e do vermelho e azul o violeta. Quando se mistura todas as cores-pigmento, obtém-se o marrom. Há também as denominadas cores terciárias, que são a mistura entre uma cor secundária e uma primária.

Quando ocorre a união das cores primárias, secundárias e terciárias organizadas em tríades, estabelece-se a estrutura conhecida como círculo cromático. O círculo cromático que se utiliza

com mais frequência é oriundo do círculo de *Goethe*, e pode apresentar uma variedade de número de cores, sendo comum o de 12 tons (Figura 1).

Figura 1: Círculo cromático de 12 cores.




Fonte: das autoras, 2026.

Já o valor, depende do fluxo de luz, variando entre o valor máximo, no caso o branco, até a total ausência de luz, no caso o preto. E se tratando de cor-pigmento, essa dimensão depende da quantidade de branco ou preto adicionado. O valor é um atributo crucial para a percepção de forma, profundidade e volume, uma vez que o contraste de luminosidade frequentemente se sobrepõe ao contraste de matiz na leitura espacial. E a saturação, diz respeito ao grau de pureza ou a intensidade de uma cor. É determinada em cor-luz pela fração da radiação branca contida nas irradiações coloridas, e na cor-pigmento depende da quantidade do pigmento puro presente na mistura. Esse atributo é fortemente influenciado pela iluminação, pela textura dos materiais e pelas cores adjacentes, sendo fundamental para compreender fenômenos como contrastes simultâneos e hierarquias perceptivas no espaço arquitetônico (Birren, 1969; Pedrosa, 2022).

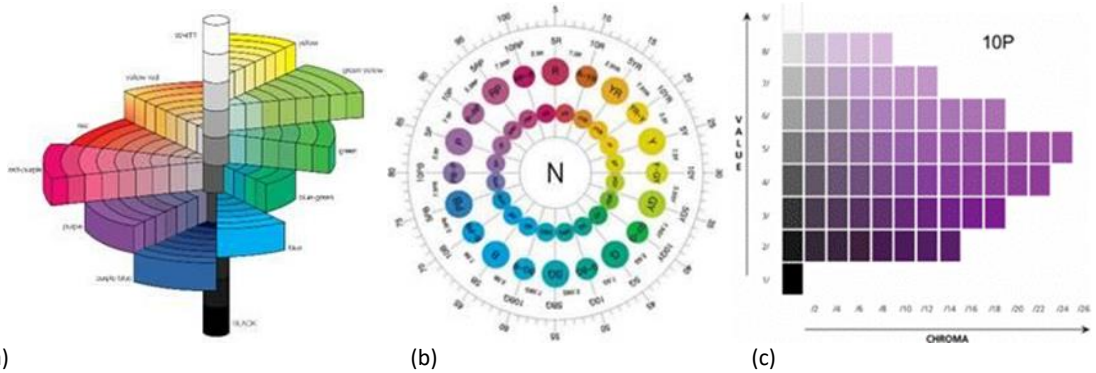
Em princípio, pode-se afirmar que qualquer cor combina com outra. No entanto, isso não garante que a combinação resulte em uma harmonia visualmente agradável. Considera-se que as cores estão em harmonia quando produzem uma percepção de unidade de equilíbrio para o observador. Assim, de modo a estabelecer relações cromáticas coerentes e equilibradas entre as cores utilizadas, são utilizados esquemas de combinações de cores (Silveira, 2015). Esses esquemas baseiam-se na disposição das cores no círculo cromático e exploram relações de proximidade, oposição ou intervalos regulares entre os matizes, permitindo a construção de paletas com diferentes efeitos visuais e perceptivos. Sua utilização auxilia na organização das cores de forma intencional, evitando combinações aleatórias ou arbitrárias.

A literatura aponta diversos tipos de esquemas de combinação de cores, elaboradas pela primeira vez por Johannes Itten (Itten, 1975), que estabelecem determinadas relações harmônicas entre as cores do círculo cromático. Entre os mais recorrentes há os esquemas de combinações monocromáticas, análogas, complementares, complementares divididas, tríades,

tétrades e acromáticas. Destaca-se que as seis primeiras citadas se referem às possibilidades de combinações a serem usadas no projeto de paisagismo.

Ainda, ressalta-se que a complexidade do fenômeno cromático e a variação na percepção das cores tornam necessária a adoção de sistemas de ordenamento cromático capazes de organizar, classificar e representar as cores de forma estruturada. O ordenamento das cores constitui, portanto, um recurso teórico e instrumental que permite visualizar as relações cromáticas. Ao longo da história, diversos modelos foram desenvolvidos com o objetivo de sistematizar o universo cromático, traduzindo fenômenos perceptivos e físicos em representações gráficas e espaciais, como círculos cromáticos, sólidos tridimensionais e escalas ordenadas. Na arquitetura, um dos mais difundidos, e que apresenta a possibilidade do estudo de combinações cromáticas, atualmente, é o *Munsell Color System*.

Figura 2: Principais elementos do *Munsell System*. a) sólido tridimensional; b) círculo cromático com a disposição dos matizes; c) seção vertical com demonstração do valor e do croma.




(a) (b) (c)

Fonte: https://munsell.com/. Acesso em jan. 2026.

O *Munsell Color System* estrutura-se a partir de três atributos perceptivos independentes: matiz (a cor em si), valor (a claridade e uma cor) e croma (a saturação de uma cor). Esses atributos são representados em um modelo tridimensional, conhecido como sólido de Munsell, ou Árvore de Cores (Figura 2). O matiz é organizado ao redor de um círculo originado do corte horizontal do sólido, dividido em 100 unidades. Existem os cinco matizes puros: *red - R*, *yellow - Y*, *green - G*, *blue - B* e *purple - P*, posicionadas em intervalos iguais. E cinco matizes intermediárias: *yellow-red - YR*, *green-yellow - GY*, *blue-green - BG*, *purple-blue - PB* e *red-purple - RP*. Cada uma das 10 tonalidades (tanto as principais quanto as intermediárias) são então subdivididas em 10 unidades. O valor distribui-se na coluna vertical do sólido, do mais claro ao mais escuro. A escala de valor varia de 0 para o preto puro, localizado na parte inferior, a 10 para o branco puro, localizado na parte superior, tendo entre os nove níveis de cinza. Já a dimensão croma, se expande radialmente a partir do centro. Ou seja, quando mais próximo do eixo central, menos saturada é a cor, e quanto mais próxima da borda externa, mais saturada é a cor.

Cada cor no sistema de Munsell pode ser descrita por meio de um código, uma notação cromática. Por exemplo, uma notação 10P 7/2 se refere aos três atributos da cor, sendo 10P a matiz, 7 é o valor (claridade que varia de 0 a 10) e 2 é a croma (saturação que varia de 0 a 20, a exemplo 10P 5/7 é menos saturado que 10P 5/10). Essas cores podem então ser consultadas em uma tabela de cores Munsell para visualizar a representação da notação. Esse sistema de notação será utilizado para ilustrar as combinações cromáticas a seguir.

## 4 PERCEPÇÃO DA COR NA PAISAGEM

A cor, na paisagem, não é percebida de forma isolada, nem como um atributo estático. Ela emerge das relações entre luz, matéria, distância, tempo e sujeito. Assim, perceber a cor é experimentar o espaço por meio de uma leitura sensível, na qual diferentes estímulos visuais se articulam e produzem significados. Nesse sentido, a cor pode ser entendida como um elemento ativo na construção da experiência paisagística. Ela orienta o olhar, sugere percursos, estabelece hierarquias e contribui para a formação de atmosferas. Em alguns momentos, conduz o observador a determinados pontos, em outros, dissolve limites e promove continuidade. Como aponta Pallasmaa (2011), a experiência arquitetônica e espacial não se dá apenas pela visão objetiva, mas por uma percepção incorporada, na qual os sentidos e a memória participam da construção do significado do ambiente.

A forma como as cores são percebidas também depende de sua interação com outros atributos do espaço. Texturas, volumes, incidência de luz e organização dos elementos influenciam diretamente essa leitura. O contraste de claridade, por exemplo, muitas vezes se sobrepõe ao contraste de matiz, definindo planos, profundidades e limites. Da mesma forma, cores mais saturadas tendem a se destacar e atrair atenção, enquanto tons mais suaves e próximos entre si constroem transições mais contínuas e homogêneas.

Outro aspecto fundamental diz respeito à relação entre cor e distância. Cores quentes tendem a avançar no campo visual, aproximando-se do observador, enquanto cores frias recuam, ampliando a percepção do espaço. Esse fenômeno é amplamente discutido na teoria da cor e na percepção visual, sendo associado à forma como diferentes comprimentos de onda são interpretados pelo sistema perceptivo humano, influenciando a leitura de profundidade e proximidade no espaço (Itten, 1975; Pedrosa, 2022). Esse comportamento não apenas altera a forma como o ambiente é visto, mas também como ele é experienciado, podendo ser explorado no projeto para intensificar sensações de acolhimento, expansão ou direcionamento.

Projetar com cor, portanto, exige ir além da escolha de combinações cromáticas pontuais. Implica compreender como essas relações se comportam no tempo e como serão percebidas ao longo da experiência do usuário. Sob a perspectiva da percepção ambiental, a experiência do espaço resulta da interação entre indivíduo e ambiente, sendo mediada por estímulos sensoriais, entre os quais a cor exerce papel estruturador (Gifford, 2014). Assim, a cor deixa de ser apenas um recurso compositivo e passa a atuar como mediadora entre espaço e percepção, contribuindo para a construção de paisagens mais sensíveis, legíveis e significativas, entendidas não como cenários estáticos, mas como tramas vivas de relações, em constante transformação.

## 5 COMPOSIÇÕES CROMÁTICAS NO PAISAGISMO

A transposição da teoria das cores para o projeto de paisagismo implica compreender a cor não como um atributo isolado, mas como parte de uma composição dinâmica e condicionada por fatores materiais, biológicos e temporais.

Diferentemente de outras áreas, nas quais a cor pode ser aplicada de maneira mais controlada e estável, no paisagismo ela se manifesta por meio de organismos vivos e elementos naturais, sujeitos a variações sazonais, crescimento e mudanças de textura e luminosidade ao longo do tempo. Essa dinâmica é reconhecida por autores do campo do paisagismo, que destacam a

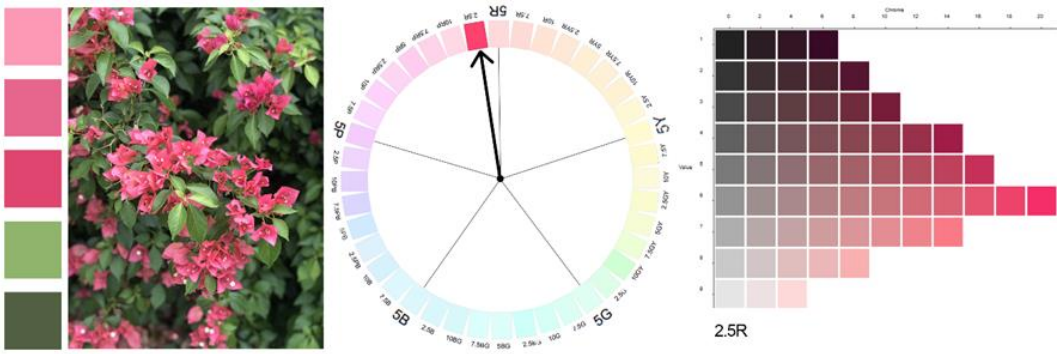
importância de considerar os ciclos naturais e o comportamento das espécies na construção das composições (Robinson, 2004; aplicados de forma rígida, mas reinterpretados a partir das características das espécies vegetais e de sua organização no espaço. Nesse contexto, destaca-se que a aplicação dos esquemas de combinação cromática no paisagismo envolve não apenas a escolha das cores das flores, mas também a consideração das tonalidades e texturas das folhagens, das cascas e dos frutos, bem como sua distribuição em diferentes planos e escala (Abbud, 2006). E que essas combinações cromáticas podem ser pensadas, considerando suas cores predominantes em flores ou folhagens, ou ambos em conjunto.

A seguir serão apresentados exemplos e possibilidades de combinações de cores e suas características, sendo elas: monocromáticas, complementares, análogas, complementares divididas em tríades, e em tétrades.

### 5.1 Possibilidades de paleta de cores das combinações

As combinações monocromáticas possuem como principal característica, a paleta de cores composta por variações de um único matiz, diferenciando-se apenas em termos de valor e saturação. No paisagismo, isso geralmente significa a presença de uma cor diferente do verde, que pode ter variações de tons claros e escuros. Um exemplo pode ser observado no uso da *Bougainvillea spectabilis* (Figura 3) em que suas variações de tons de rosa-avermelhado, desde matizes mais claros até intensos, usando o verde como cor base, compõem um conjunto visualmente unificado. Destaca-se que a riqueza dessa composição é potencializada pela variação de densidade da floração, pela sobreposição com folhagens verdes.

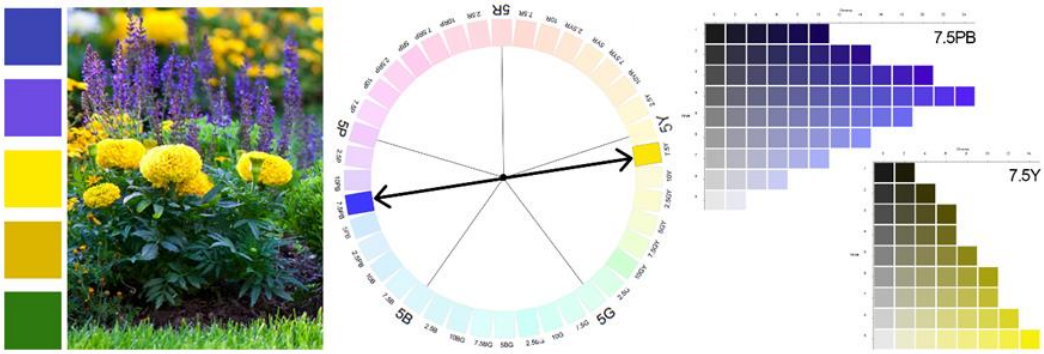
Figura 3: Composição monocromática.




Fonte: das autoras, 2026.

O esquema de combinação de cores complementares, possui como principal característica a paleta formada por matizes opostos no círculo cromático, produzindo contrastes acentuados, pois cada cor complementar intensifica a cor oposta. Por exemplo, no círculo cromático, o roxo e o amarelo são cores opostas, assim, ambas se complementam e as cores se acentuam mutuamente e se destacam. No paisagismo, as cores complementares costumam ser mais eficazes quando uma cor é mais dominante que a outra. Um exemplo recorrente é a associação entre tons de amarelo e roxo, como *Dianthus caryophyllus* (cravo comum) (amarelo), combinada com *Salvia Mystic Spires Blue* (sálvia russa) (azul-arroxeado), criando contraste vibrante sem perder a integração compositiva (Figura 4).

Figura 4: Composição de cores complementares.

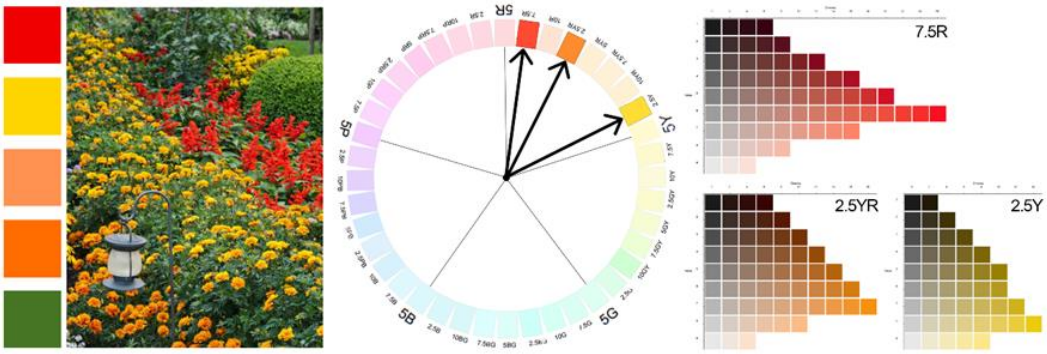



Fonte: das autoras, 2026.

Já as combinações de cores análogas, tem por característica uma paleta formada por duas ou três cores adjacentes no círculo cromático, como vermelho, vermelho-alaranjado, laranja, amarelo-alaranjado e amarelo, criando transições suaves. Um efeito ocasionado por essa combinação, é que a distância, um jardim com plantas laranjas e vermelhas pode parecer um jardim da mesma cor. Destaca-se que embora essa seja uma combinação de baixo contraste, as cores análogas ainda se beneficiam da utilização de variações na saturação e valor das cores escolhidas, introduzindo assim mais variedade. As cores estão relacionadas entre si porque incluem duas cores primárias misturadas para formar uma cor secundária e duas cores terciárias, o que significa que compartilham propriedades comuns.

Em projetos contemporâneos, essas combinações são frequentemente observadas em composições que transitam entre tons quentes, como vermelho, laranja e amarelo, utilizando por exemplo, espécies como *Tagetes patula* (cravo-de-defunto) (amarelo e laranja), e *Salvia splendens* (flor-de-cardeal alta) (vermelho), organizadas em manchas interligadas que reforçam a fluidez espacial (Figura 5).

Figura 5: Composição de cores análogas.

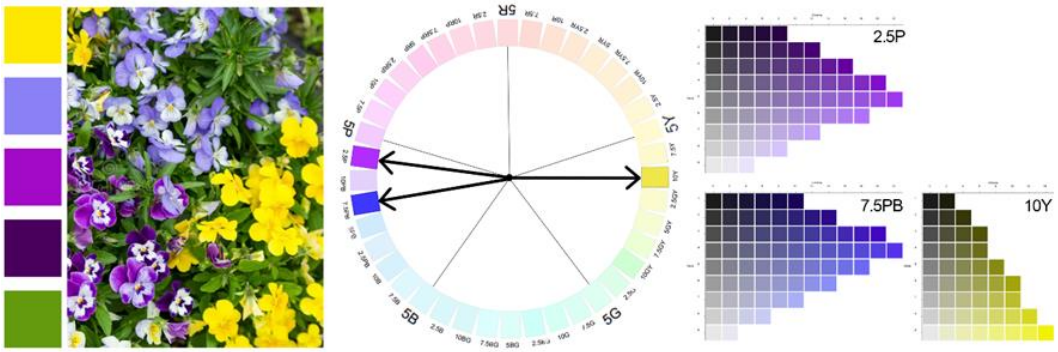



Fonte: das autoras, 2026.

Destaca-se que existem os esquemas mais complexos, como os complementares divididas, tríades e tétrades, que se baseiam em relações geométricas regulares no círculo cromático. Esses esquemas possibilitam o controle dos contrastes e das hierarquias cromáticas, tornando-se instrumentos importantes para a organização da cor em diferentes contextos.

Esquemas complementares divididos são combinações de três cores que utilizam uma cor e as dois tons adjacentes à sua cor complementar. Um jardim pode transitar do tema de contraponto para o complementar dividido à medida que a estação de crescimento avança e mais plantas (e, portanto, mais cores) ganham destaque. Um exemplo pode ser construído a partir do uso de tons azulados, como *Amsonia hubrichtii* (estrela-azul-de-folhas-estreitas), combinados com espécies em amarelo e laranja suave, como *Achillea* (aquileia). e *Helenium* (erva-campeira), criando contrastes mais sutis e distribuídos ao longo do espaço. Esse efeito também pode ser alcançado utilizando as variações de cores de uma mesma espécie. Como é o caso da *Viola tricolor* (amor-perfeito), que é uma pequena planta rasteira com florações em uma diversidade enorme de cores (Figura 6).

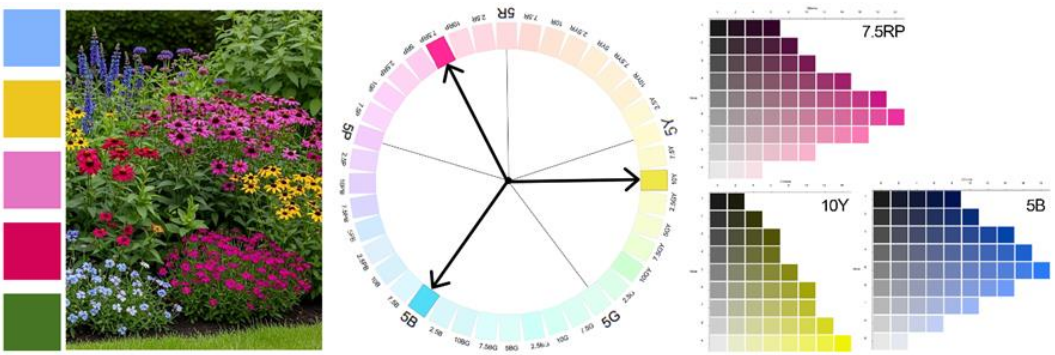
Figura 6: Composição de cores complementares divididas.




Fonte: das autoras, 2026.

Já as combinações em tríades utilizam três tonalidades equidistantes no círculo cromático. Os esquemas triádicos oferecem combinações de cores interessantes e são inerentemente equilibrados. No paisagismo contemporâneo, essas combinações são frequentemente mediadas por gramíneas ornamentais, que atuam como elemento de transição. Um exemplo envolve a articulação entre *Echinacea purpurea* (magenta), *Achillea spp*. (amarelo) e *Salvia spp*. (azul), integradas por espécies como *Deschamps ia cespitosa* ou *Sporobolus heterolepis*, que suavizam os contrastes e estruturam a composição (Figura 7).

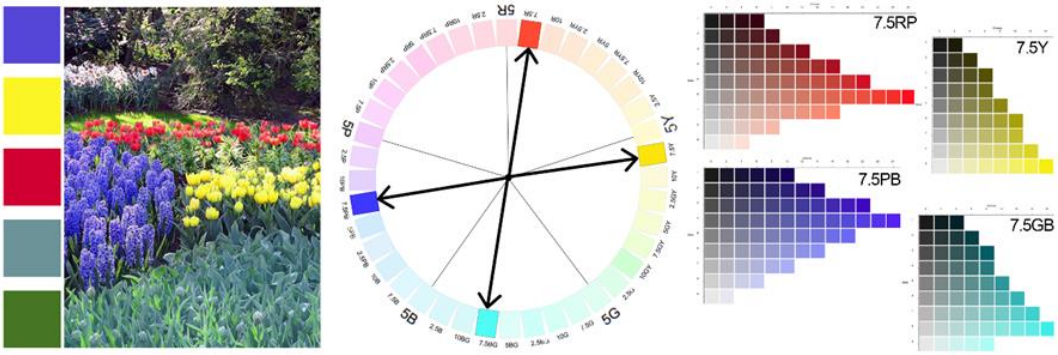
Figura 7: Composição de cores em tríades.




Fonte: das autoras, 2026.

E por fim, as combinações em tétrades (duplo-complementares) configuram esquemas mais complexos, frequentemente utilizados em projetos de maior escala. Um exemplo pode ser observado na combinação de espécies como o *Muscari armeniacum* (jacintos-uva) (flores azul-arroxeadas), a *Tulipa gesneriana* (tulipa) (flores amarelas e vermelhas) e a *Hosta halcyon* (hosta azul) (folhas verde-azuladas), nas quais diferentes cores são distribuídas em massas interdependentes, garantindo unidade visual mesmo diante da diversidade. Destaca-se que as combinações tétrades proporcionam uma diversidade de cores no jardim, contribuindo para a construção de paisagens mais dinâmicas e naturalistas, nas quais a unidade visual é alcançada por meio da repetição e da estrutura vegetal (Figura 8).

Figura 8: Composição de cores em tétrades.




Fonte: das autoras, 2026.

## 6 A COR NO PROJETO DE PAISAGISMO

O estudo cromático no projeto paisagístico não se restringe à representação gráfica em plantas ou cortes. Embora esses instrumentos sejam úteis para antecipar relações entre cores e posicionamento das espécies, a cor no paisagismo deve ser compreendida como um fenômeno tridimensional, temporal e experiencial. Diferentemente de superfícies estáticas, a vegetação altera sua expressão cromática ao longo do dia, das estações e do ciclo de vida das plantas, o que exige do projetista uma leitura prospectiva da composição, não apenas de como ela se apresenta no momento do plantio, mas de como se transformará ao longo do tempo.

Somado a isso, o deslocamento do observador pelo espaço introduz uma dimensão sequencial à percepção da cor: as relações cromáticas não são lidas de um ponto fixo, mas vivenciadas em movimento, com variações de distância, ângulo e iluminação que alteram significativamente a leitura da composição (Bell, 2012). Essa condição torna o projeto cromático no paisagismo um exercício de antecipação sensorial, no qual o domínio teórico da cor deve ser articulado com o conhecimento das espécies, do clima e das condições locais de luz.

No contexto do paisagismo contemporâneo, essa compreensão da cor como fenômeno dinâmico e relacional encontra respaldo nas abordagens naturalistas, nas quais a composição vegetal é estruturada a partir de associações ecológicas entre espécies. Diferentemente de modelos tradicionais baseados em maciços isolados e composições estáticas, o paisagismo naturalista propõe uma organização mais fluida e interdependente, na qual a cor emerge das relações entre plantas, luz e tempo (Dunnett, 2019). Sob essa perspectiva, estratégias como o

plantio em matriz (*Matrix Planting*), desenvolvido por Piet Oudolf, reforçam essa lógica ao estruturar o espaço a partir de camadas vegetais interpenetradas, nas quais a cor não é aplicada de forma pontual, mas resulta da sobreposição e transformação contínua das espécies ao longo das estações (Oudolf; Kingsbury, 2013; Oudolf; Darke, 2017).

Embora não se trate de um método de composição cromática em si, essa abordagem condiciona diretamente a forma como a cor se manifesta no espaço. O estudo de caso apresentado a seguir, ilustra como essas estratégias cromáticas podem ser utilizadas de maneira deliberada, a serviço de uma narrativa espacial e simbólica, em um projeto de referência internacional do paisagismo contemporâneo, no qual a cor emerge das relações entre espécies, estrutura vegetal e tempo.

### 6.1 Estudo de caso: *Lurie Garden* (Chicago, EUA)

Localizado no *Millennium Park*, em Chicago, o *Lurie Garden* é um dos projetos mais representativos do paisagismo contemporâneo de caráter naturalista (Figura 9a). Sua concepção materializa o lema histórico da cidade, *Urbs in Horto* (Cidade em um Jardim). O projeto propõe uma leitura paisagística da transformação histórica e ecológica de Chicago, interpretando sua passagem de paisagem pantanosa para metrópole (Lurie Garden, [s.d.]).

A estrutura espacial do jardim é organizada por dois elementos principais: a *Shoulder Hedge*, sebe perene de aproximadamente 4,5 metros que delimita e protege o espaço interno do entorno urbano, criando um microclima particular. E a passarela diagonal denominada *The Seam*, que divide o jardim em dois setores com identidades cromáticas e ecológicas distintas: o *Dark Plate* e o *Light Plate* (Figura 9b). Essa divisão não é meramente formal, mas também conceitual, operando como metáfora espacial, utilizando a cor, a textura e a estrutura vegetal para representar a transição entre o passado ecológico da região e seu presente urbano. É precisamente nessa dualidade que reside o interesse analítico desse projeto.

Figura 9: Lurie Garden. a) Vista geral; b) Diagrama de organização espacial.




(a) (b)

Fonte: GGN, [s.d.]

O setor denominado *Dark Plate* exemplifica o uso da cor como ferramenta de construção de ambiência, caracterizando-se por uma composição baseada em baixa luminosidade, reduzida

saturação e predominância de matizes escuros (Figura 10). A estratégia projetual busca evocar a densidade e a sombra das paisagens naturais mais fechadas como as florestas ripárias e os brejos, associadas ao passado da região (Lurie Garden, [s.d]). A paleta cromática é estruturada principalmente por folhagens em tons de verde profundo e verde-azulado, que configuram um plano de fundo contínuo e homogêneo, conforme apontam Robinson (2004) e Abbud (2006) ao destacarem o papel estruturador da folhagem na composição paisagística. Espécies como *Adiantum pedatum, Actaea racemosa* e da família *Carex* reforçam essa unidade cromática, enquanto elementos pontuais, como flores em tons azul-arroxeados do *Aconitum carmichaelii*, introduzem contrastes sutis que animam a composição sem romper sua coerência tonal.

Figura 10: Setor *Dark Plate*: composição com predominância de tons escuros e baixa saturação.



Fonte: GGN, [s.d.]

A presença de gramíneas como *Andropogon gerardii 'Blackhawks'*, que adquire tonalidades próximas ao preto ao longo da estação, contribui para a manutenção do baixo contraste de claridade no setor. Como resultado, a leitura espacial torna-se mais homogênea, com menor definição de planos e maior sensação de continuidade e profundidade. Essa ambiência introspectiva e contemplativa é consistente com o que Bell (2012) descreve em relação aos efeitos perceptivos de composições de baixo contraste cromático: a supressão da hierarquia visual favorece a imersão e a contemplação, em detrimento da dinamização e da orientação espacial. Complementam essa composição espécies como *Polygonatum biflorum*, cujas folhagens arqueadas aprofundam a sensação de sombra e umidade, e *Helleborus orientalis*, que introduz floração discreta em tons de vinho e roxo ainda no início da primavera, antecipando a paleta fria do setor. *Rodgersia pinnata Superba* contribui com sua folhagem bronzeada de grande porte, enquanto *Actaea Queen of Sheba* estabelece contrastes pontuais de claridade por meio de suas espigas brancas, sem romper a coerência tonal escura da composição (Figura 11).

Do ponto de vista dos esquemas cromáticos discutidos anteriormente, percebe-se que o *Dark Plate* opera predominantemente dentro de uma lógica análoga e de baixa saturação, com variações tonais que transitam entre verdes, azuis, roxos profundos e vermelhos. A dimensão temporal é igualmente relevante, conforme pode ser observado na Figura 12, ao longo das estações, as espécies do setor alteram progressivamente seus matizes. O *Chionanthus virginicus*, por exemplo, marca a transição sazonal ao converter suas folhagens verdes do verão em tons de amarelo no outono, enquanto o *Helleborus orientalis* garante a permanência da paleta escura com sua folhagem persistente e floração em matizes sóbrios que surge ainda no inverno. Tais

mudanças conduzem o conjunto às tonalidades ferrugem e marrom-dourado do fim do ciclo, mantendo, contudo, a coerência cromática da composição escura e introspectiva.

Figura 11: Composição vegetal do setor Dark Plate.



Fonte: das autoras, 2026; com base em Lurie Garden, [s.d.].

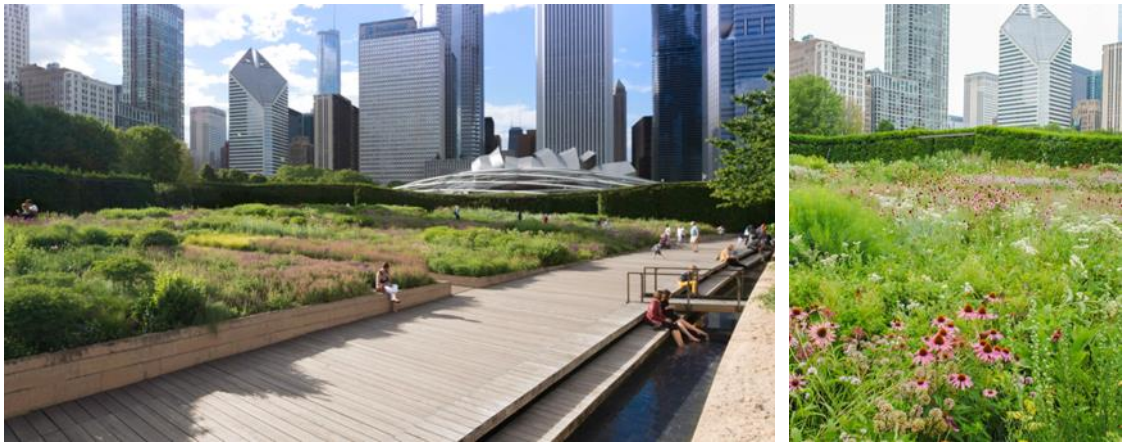
Figura 12: Transformação sazonal no setor *Dark Plate*.



Fonte: das autoras, 2026; com base em Lurie Garden, [s.d.].

Em oposição ao *Dark Plate*, o *Light Plate* caracteriza-se por uma composição mais luminosa, diversa e contrastante, associada à ideia de abertura, vitalidade e transformação (Figura 13). A seleção de espécies prioriza florações e estruturas vegetais capazes de refletir e amplificar a luz, intensificando a leitura dos elementos e expandindo a percepção espacial (Lurie Garden, [s.d.]).

Figura 13: Setor *Light Plate*: composição luminosa com alta diversidade cromática e contraste.



Fonte: GGN, [s.d.]

A vitalidade cromática deste setor é orquestrada pela predominância de matizes quentes, onde a *Asclepias tuberosa* e a *Rudbeckia fulgida var. speciosa* introduzem tons vibrantes de laranja e amarelo-dourado. Essas cores encontram contraponto direto na paleta fria composta pelos azuis e violetas da *Salvia nemorosa* 'May Night', *Agastache foeniculum*, *Dalea purpurea*, *Allium lusitanicum* 'Summer Beauty' e a delicada *Anemone blanda* 'Blue Shades', materializando, na escala do projeto, o esquema complementar discutido anteriormente. Segundo Bell (2012), esse alto contraste de matiz e claridade contribui para o dinamismo visual e a orientação do olhar. Nesse cenário, o *Panicum virgatum* '*Cheyenne Sky*' adiciona profundidade com suas pontas avermelhadas, enquanto o *Eryngium yuccifolium* (em seu estágio estival), a *Euphorbia corollata* e a textura plumosa da *Amsonia hubrichtii* funcionam como elementos de integração e neutralização, ampliando a luminosidade e suavizando as transições entre os contrastes mais intensos (Figura 14).

Conforme apontado por Oudolf e Darke (2017), a escolha de espécies com valor estrutural ao longo de todo o ano faz com que a paisagem mantenha interesse visual mesmo fora do período de floração. Assim, durante o verão predominam cores mais saturadas, como os azuis, lilases e amarelos intensos das florações, enquanto no outono e inverno emergem tonalidades mais neutras, como palha, prata e bege, conferidas pelas estruturas secas das gramíneas e plantas herbáceas. A *Achillea* 'Moonshine', por exemplo, evolui de um amarelo-limão luminoso em sua floração plena para tons ocres e estruturais à medida que amadurece, demonstrando que o interesse visual persiste mesmo após o desvanecimento do matiz original. Da mesma forma, a *Euphorbia corollata* transita de uma nuvem branca e etérea para uma arquitetura esquelética que define o ritmo do jardim no final do ciclo. Tais variações (Figura 15), reforçam que, no paisagismo naturalista, a cor não é um estado estático, mas uma narrativa viva onde o matiz cede lugar à forma e à permanência da estrutura conforme as estações avançam.

Figura 14: Composição vegetal do setor *Light Plate*.



Fonte: das autoras, 2026; com base em Lurie Garden, [s.d.].

Figura 16: Transformação sazonal no setor *Light Plate*.



Fonte: das autoras, 2026; com base em Lurie Garden, [s.d.].

Ao comparar o *Dark Plate* e o *Light Plate,* é possível identificar, de forma concreta, como os atributos da cor (matiz, claridade e saturação) podem ser mobilizados de maneira deliberada para produzir efeitos perceptivos e simbólicos distintos em um mesmo projeto. O Quadro 1 sintetiza as principais características cromáticas de cada setor, articulando os elementos vegetais com os esquemas e efeitos discutidos ao longo deste trabalho.

Quadro 1: Análise cromática comparativa entre os setores do Lurie Garden

| ATRIBUTO | DARK PLATE | LIGHT PLATE |
|---|---|---|
| **Matiz predominante** | Verde profundo, azul-arroxeado, roxo escuro e vinho | Lilás, azul claro, amarelo, branco e verde claro |
| **Claridade (valor)** | Baixa - predomínio de tons escuros | Alta - predomínio de tons claros e médios |
| **Saturação (croma)** | Baixa a média | Média a alta |
| **Esquema cromático** | Análogo (frios e escuros) | Complementar dividido (azul-lilás / amarelo) |
| **Efeito perceptivo** | Homogeneidade, profundidade, imersão, introspecção | Dinamismo, definição espacial, vitalidade, abertura |
| **Espécies representativas** | Carex, Actaea racemosa, Aconitum carmichaelii, Andropogon gerardii 'Blackhawks' | Agastache foeniculum, Amsonia hubrichtii, Allium, Echinacea purpurea |
| **Transformação sazonal** | Verde-profundo (verão) Ferrugem/marrom (outono/inverno) | Azul-lilás/amarelo (verão) Palha/prata (outono/inverno) |
| **Simbolismo** | Passado ecológico: densidade, sombra, memória da prairie úmida | Presente e futuro urbano: luz, abertura, dinamismo da cidade |

Fonte: das autoras, 2026 com base em Lurie Garden (2026), Bell (2012) e Oudolf; Darke (2017).

Assim, destaca-se que a cor no *Lurie Garden*, não é tratada como elemento decorativo ou resultado casual da escolha de espécies, mas como instrumento estrutural do projeto. A oposição cromática entre os dois setores opera em múltiplas dimensões simultaneamente: física (contraste de claridade e saturação), perceptiva (efeitos de profundidade versus abertura), temporal (transformação sazonal coerente com a identidade de cada setor) e simbólica (passado e futuro, sombra e luz, natureza e cidade).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo evidencia que a cor, no âmbito do paisagismo, ultrapassa sua função estética, constituindo-se como um elemento estruturador da experiência espacial e da construção da paisagem. A partir da sistematização dos atributos cromáticos e da aplicação de esquemas de combinação de cores em composições vegetais, foi possível compreender como diferentes relações cromáticas produzem efeitos perceptivos distintos, influenciando a legibilidade, a organização espacial e a ambiência dos espaços.

Os resultados demonstram que os esquemas cromáticos, quando aplicados de forma consciente, não operam como regras rígidas, mas como instrumentos projetuais que orientam decisões complexas, articulando aspectos visuais, espaciais e sensoriais.

A análise do estudo de caso do *Lurie Garden* demonstra que a aplicação consciente dos princípios da teoria da cor no paisagismo não impõe rigidez compositiva, mas oferece um quadro de referência que orienta decisões projetuais complexas, desde a seleção de espécies até a organização espacial dos setores, tornando a cor um elemento ativo na construção do significado da paisagem. A oposição entre os setores *Dark Plate* e *Light Plate* evidencia que os atributos cromáticos podem ser mobilizados de forma intencional para construir ambiências contrastantes, articular narrativas espaciais e expressar dimensões simbólicas relacionadas ao tempo e à transformação da paisagem.

Destaca-se que o atender ao objetivo proposto, o estudo contribui para organizar e tornar mais claros alguns princípios de aplicação da cor no projeto paisagístico, oferecendo apoio tanto para o ensino quanto para a prática profissional. Ao articular teoria da cor, percepção ambiental e composição vegetal, busca-se ampliar a compreensão da cor como uma ferramenta de projeto, capaz de influenciar a forma como a paisagem é percebida, vivida e apropriada.

Por fim, entende-se que ainda há espaço para aprofundar essa discussão a partir de investigações empíricas, especialmente aquelas que considerem a experiência dos usuários. Estudos com participação direta de pessoas, simulações de ambientes ou mesmo medições fisiológicas podem contribuir para compreender de forma mais concreta como as diferentes composições cromáticas afetam a percepção e o comportamento. Esse avanço pode fortalecer o paisagismo como um campo de conhecimento cada vez mais integrado e sensível às relações entre ambiente e experiência.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: Senac, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELL, Simon. **Landscape: pattern, perception and process**. 2nd Edition. London: Routledge, 2012.

BIRREN, Faber. **Light, Colour and Environment.** Revised Edition. Schiffer Publishing, 1969.

DUNNETT, Nigel. **Naturalistic Planting Design: The Essential Guide.** Great Britain: Filbert Press, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIFFORD, Robert. **Environmental psychology: principles and practice**. 5. ed. Colville: Optimal Books, 2014.

GGN. **The Lurie Garden at Millennium Park**. Disponível em: https://www.ggnltd.com/the-lurie-garden-at-millennium-park. Acesso em: 28 mar. 2026.

ITTEN, Johannes. **Design and Form: the Basic Course at the Bauhaus and Later**. Wiley & Sons, 1975.

LURIE GARDEN. About. Chicago: Lurie Garden, [s.d.]. Disponível em: https://www.luriegarden.org/. Acesso em: 28 mar. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OUDOLF, Piet; KINGSBURY, Noel. **Planting: a new perspective**. Portland: Timber Press, 2013.

OUDOLF, Piet; DARKE, Rick. **Gardens of the High Line: Elevating the Nature of Modern Landscapes.** Portland: Timber Press, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.** Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac São Paulo, 1ª edição, 2022.

ROBINSON, Nick. **The planting design handbook**. 2nd Edition. Farnham: Ashgate Pub Ltd, 2004.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials.** 4. ed. London: SAGE Publications, 2016.

SILVEIRA, Luciana. **Introdução à Teoria da Cor.** 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.